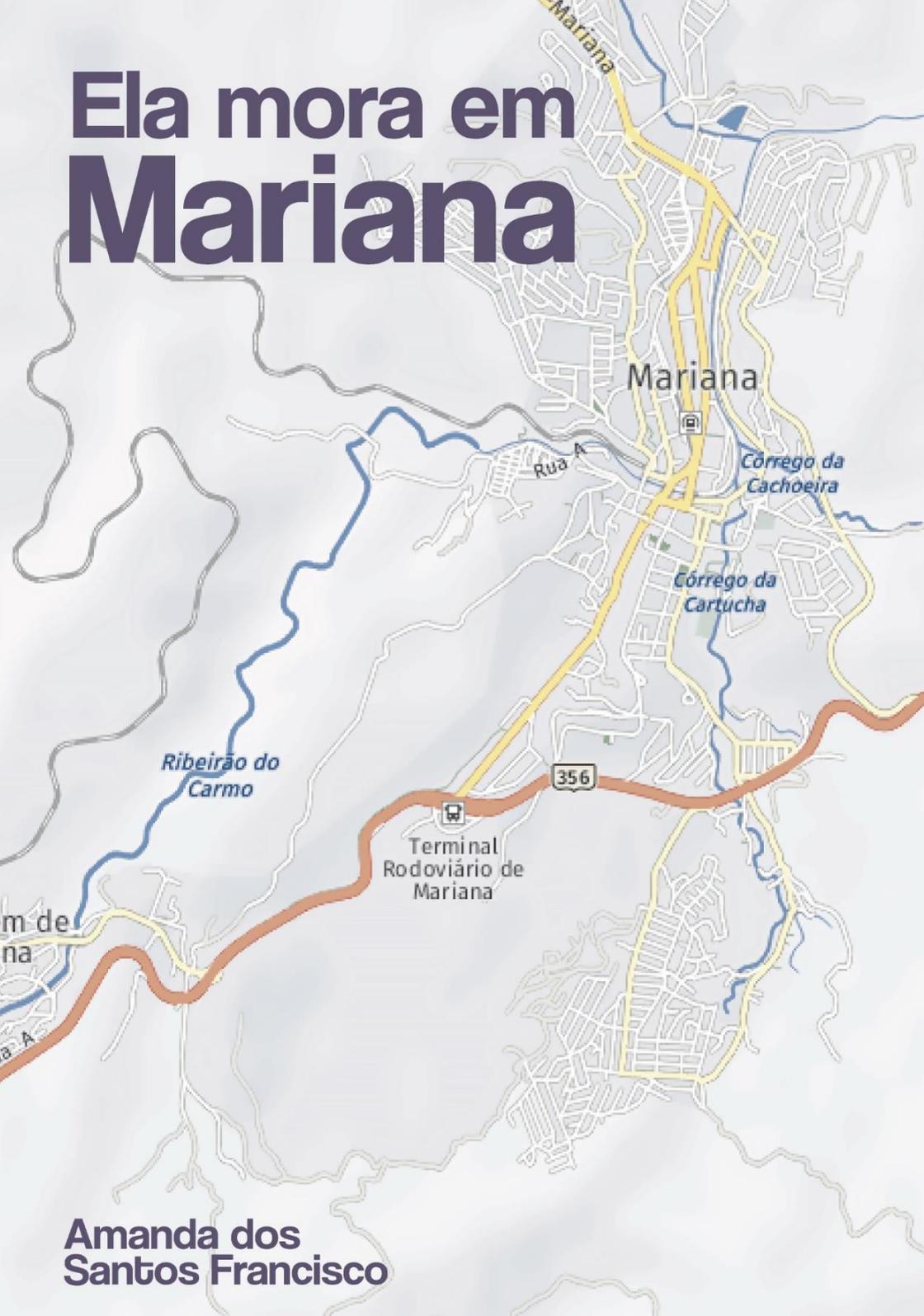


# Ela mora em Mariana



**Amanda dos Santos Francisco**



# Ela mora em Mariana



em de  
ana

ua A

Ribeirão do  
Carmo

Terminal  
Rodoviário de  
Mariana

356

Mariana

Córrego da  
Cachoeira

Córrego da  
Cartucha

Amanda dos  
Santos Francisco

Capa: Jorge Herrero

Imagem da capa: App Here

Projeto Gráfico: Amanda dos Santos Francisco

Revisão: Janylle Mol

---

ELA MORA EM MARIANA

FRANCISCO, Amanda dos Santos, 2018.

Mariana, Minas Gerais - MG

F819m Francisco, Amanda dos Santos.

As mulheres de Mariana. [manuscrito]: a narrativa jornalística no registro cotidiano do lugar feminino / Amanda dos Santos Francisco. - 2018.

27f.: Acompanha um livro eletrônico.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Hila Bernadete Silva Rodrigues.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Mulheres - Mariana (MG) - Teses. 2. Mulheres - Entrevistas - Teses. 3. Entrevista - Teses. 4. Reportagem - Teses. I. Rodrigues, Hila Bernadete Silva. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 364.65-055.2(81)

Catálogo: [ficha.sisbin@ufop.edu.br](mailto:ficha.sisbin@ufop.edu.br)



Dedico este livro a  
todas e todos que o  
tornaram possível.



## Ela mora em Mariana

1. Grande como os seus sonhos: Bairro Cabanas	14
1.1. Aprender a empreender.....	25
1.2. Do Cabanas para o mundo .....	27
1.3. Juntas somos mais fortes.....	33
2. Educar para transformar: Bairro Santana.....	37
2.1. Estreitando a relação .....	41
2.2. Os próximos passos.....	44
3. Senhora dona da sua fé: Bairro Catete .....	53
3.1. Uma oração.....	58

Mariana, a primeira capital de Minas Gerais, a primaz.

Onde foi projetada a primeira ponte de madeira, construída a primeira igreja e calçaram as primeiras ruas.

Onde chegaram os primeiros padres, os primeiros nobres e os primeiros escravos africanos, uns chegaram, outros, não.

Nestas terras, onde moraram os primeiros fazendeiros, os primeiros comerciantes e os primeiros inconfidentes. A história de todos eles passa por aqui.

Mas só Eles, sempre Eles.

Eles não.

Como quando pensamos no outro, também pensamos a partir da gente. Convido você a pensar de um jeito diferente do qual estamos acostumados.

A partir de outras histórias e neste mesmo lugar. Pensar em como foi e em como é ser Ela, a mulher que vive em Mariana.

Diferente do que está posto e diferente do que está lido. Ver a partir do olhar feminino. E, por isso, convido você a recomeçar.

Mariana, a primeira capital de Minas Gerais, a primaz. Aqui onde foi projetada a primeira ponte de madeira, construída a primeira igreja e calçadas as primeiras ruas.

E, também, onde moraram as primeiras mães, filhas, esposas, as primeiras fazendeiras e as primeiras escravas que chegaram, outras, não chegaram.

Também escreveram esta história, as comerciantes, as cozinheiras, as artesãs, as preceptoras, as religiosas e tantas outras mulheres que começaram a trilhar este caminho antes de mim.

Elas que, muitas vezes, não ocuparam os registros dos museus, mas sempre ocuparam cada canto do mapa.

Para além de mineiras e marianenses, quem são elas. Quais histórias carregam essas mulheres. Quais cenas guardam este lugar. Eu gostaria de te contar em

infinitas páginas tudo que ouvi e que não caberia em um só livro.

Mas trago, aqui, três histórias, das mulheres que dividiram comigo uma parte do seu tempo e que me deram a oportunidade de ouvi-las e registrar este momento.

Neste livro, você vai encontrar as vivências de três mulheres que, ao atravessarem estas ruas, mudaram os rumos da cidade.



# 1. Grande como os seus sonhos: **Bairro Cabanas**

Olhe para as montanhas, estamos em Mariana, Minas Gerais, longe do centro histórico e, entre um dos pontos mais altos da cidade, avistamos o bairro Cabanas. Onde os turistas não vão e o policiamento não chega. Lá, há uma outra realidade, após atravessar a BR-356, na Rodovia dos Inconfidentes. O trecho é chamado de “Faixa de Gaza” por ter sido cenário de diversos crimes. E estende essa fama ao bairro. Mas o Cabanas não merece ser olhado só com esses olhos de medo, de lugar perigoso e violento. Ele é maior do que isso, é um pedacinho de cidade, onde também há um mundo novo, cheio de possibilidades. Os moradores sabem disso e costumam dizer que lá tem de um, tudo: igreja, banco, escola, policlínica, academia e tudo que puder caber. É uma cidade dentro de outra cidade.

Há sempre mais espaço para expandir e abrigar a população que sai do centro para ocupar os morros em busca de moradias que caibam no orçamento do mês. E, dessa forma, todas aquelas casinhas vão se multiplicando e formando pontos de luz que sobem as montanhas e se confundem com as estrelas. Na escuridão da noite que apaga a linha no horizonte, tudo parece ser o céu. Ao longe, identificamos apenas a Igreja de Nossa Senhora de Aparecida, através da cruz azul iluminada, no meio da montanha.

Entre aquelas estrelas, está a casa da Marciele. Moradora do bairro desde os sete anos, ela e sua família fazem parte desse céu. Antes, moravam no Barro Preto e na Colina, bairros planos e próximos ao centro. Mas o falecido prefeito João Ramos, em sua gestão, passou a lotear, regularizar e doar os terrenos que antes eram grandes ocupações. Assim, a Marlene, mãe da Marciele, conquistou o seu espaço e começou a construir sua casa própria no Cabanas.

Hoje, a casa é um sobrado verde e lindo, com grandes janelas na varanda e uma garagem. A mãe mora embaixo e ela mora em cima. Quando cheguei, ela veio logo me receber. Uma mulher dona de um sorriso enorme. Alta, magra e de corpo escultural. Eu já sabia que ela era a Marciele. Desde quando conversamos por telefone, sentia a energia dela, feliz, animada, disposta, dava para perceber tudo isso no tom da sua voz.

Marciele é assim, chama atenção por onde passa, mas não se engane, ela não se vale disso, não é modelo e nem está por aí só para enfeitar a paisagem. É mineira e, como toda boa mineira que eu conheço, é inquieta – e sempre pronta para o trabalho. Não cabe em meia dúzia de adjetivos, que nunca dariam conta de descrevê-la. Por isso, peço desculpas, mil desculpas, por já começar dizendo que ela é linda, antes de dizer o quanto é forte e grande – grande como os seus sonhos.

Não quero dizer forte de braços ou músculos. Mas forte nos olhos, nas palavras, do começo à ponta de cada gesto. E em cada passo que dá. Forte nas decisões e na recusa à palavra “desistir”. Agora, sim, você pode começar a enxergá-la: a força somada à sua beleza. Talvez essa seja até uma forma de defini-la. Poder. Cheia de orgulho de seu cabelo cacheado, armado e da cor da sua pele negra, quem a vê não imagina, mas essa mulher já passou por muitas dificuldades e enfrentou muita insegurança.

Marciele nasceu em Mariana e, como tantas outras meninas do Brasil, não pensava em ser mãe tão cedo, mas, já aos 15 anos, ficou grávida da sua primeira filha, Nataly.

Nós, mulheres, não planejamos ser mãe nessa idade, e nem tão cedo aprendemos a evitar. E ainda acontecem os romances da adolescência, atravessando os planos de menina.

Assim aconteceu com a Marciele, que se entristeceu ao ver as mães do bairro e as colegas afastarem-se dela. Para aquelas famílias, a Marciele não era um exemplo a ser seguido. Em um país de maioria cristã, a pressão social aumenta nas cidades do interior, onde todos se conhecem pelo nome, sabem quem é filha de quem, onde moram, onde trabalham, com quem andam. Ela diz que atualmente compreende a preocupação daquelas mães, mas até hoje seu rosto se apaga por alguns segundos quando recorda aquela época. Parece que ainda dói lembrar.

A vida da Marciele estava só começando, ainda com o seu primeiro marido, ela teve o seu segundo filho, o Lucan, hoje com 18 anos...

E, do seu segundo casamento, com Alexandre, nasceu o caçula, Daniel, que veio para Marciele com uma missão a mais: a de compreender o mundo sem o som, apenas no olhar e no gesto. Com certeza foi um susto saber que Daniel era surdo, mas logo ela

superou. O medo de não conseguir se comunicar com o filho deu lugar aos gestos e à ânsia dele em falar com a mãe. Ambos aprenderam LIBRAS. Hoje em dia, ela até precisa pedir calma para ele, pois é uma conversa que não acaba mais.

Tudo parecia direcioná-la apenas para ser mãe e esposa, como tantas outras mulheres de Mariana. Ali, todos esses acontecimentos poderiam ter sido motivos para que ela nunca mais voltasse a estudar. Mas ela queria ir mais longe. Queria fazer mais. Antes de ter filhos, Marciele já sonhava grande: queria estudar, trabalhar, viajar e ganhar o mundo. No entanto, agora tudo parecia ser mais difícil. Sete anos haviam se passado sem que ela frequentasse a escola. E, com três filhos pequenos, esses sonhos pareciam ainda mais distantes.

O esposo e a mãe de Marciele sabiam disso. Sabiam que ela não era aquela menina que andava triste pela casa. Por isso, a incentivaram a retomar os

estudos. Ela pensou em se matricular no curso da noite e estudar com outros adultos, mas o marido sugeriu que ela recomeçasse exatamente de onde havia parado. Eram apenas sete anos, dizia ele. Além disso, o horário da manhã seria melhor porque os filhos ainda estariam na escola quando ela estivesse ausente.

Na secretaria da escola municipal Monsenhor José Cota, Marciele encontrou a diretora Elizabeth Cota, mais conhecida como Beth, que ficou surpresa com a iniciativa e logo entendeu que se tratava de alguém que queria recomeçar do zero, sem pular etapas.

No primeiro dia, a ansiedade foi grande, Marciele pensou em não ir, em voltar, mas ficou. Após deixar os filhos na escola, foi recomeçar “no meio daquele bando de *meninu*”, como me contou, entre risos. Mas a menina não era mais a mesma. Agora, ela era a mãe da Nataly, do Lucan e do Daniel

e viu que não podia mais perder tempo nem qualquer oportunidade. Sentiu medo e vergonha, mas entrou na sala de aula e se sentou em uma das cadeiras do fundo.

Os outros alunos pensaram que ela era uma professora substituta – e a maioria se organizou e se sentou também. “Meu Deus que vergonha!”, ela pensou, pouco antes da chegada do professor de história, Renato. Ele começou a aula e fez as apresentações para a classe. O frio na barriga ainda não havia passado e aumentou quando ele perguntou a idade dela. Marciele respondeu: “Tenho 21 anos”.

Aquele momento era decisivo. Todos podiam rir, podiam apontar, caçoar dela e nunca mais ela voltaria. – “Quem iria aguentar?” - Ela me disse. Mas o professor não deixou nada disso acontecer. Diferente do que tantas pessoas disseram sobre Marciele quando ela ficou grávida pela primeira vez, o professor Renato afirmou para os alunos daquela sala, que ela

era um exemplo. Que ela estava certa porque sempre é tempo de voltar a estudar. Então ele a parabenizou pela coragem e pelo ato de superação.

Marciele me conta essa história tão feliz, que eu tenho certeza de que ela irá se lembrar desse dia para sempre.

Pronto. Passado aquele medo dos primeiros dias, assim como a fase de readaptação, a nova aluna percebeu que não só ela havia mudado. Os jovens do Cabanas também não eram mais os mesmos. Uns estavam abandonando a escola, outros envolvidos com a criminalidade. Havia brigas quase todos os dias. Rixas entre gangues, por causa do envolvimento com drogas, ciúmes da namorada ou do namorado, problemas em família e toda a falta de estrutura social.

Já as meninas continuavam perdendo o tempo da adolescência ao se tornarem mães muito cedo, assim como havia ocorrido com Marciele. O intervalo

durava apenas quinze minutos e, nesse período de tempo, as meninas ameaçavam umas às outras com facas e canivetes no banheiro. Também havia discussões em sala de aula e o clima era tenso. Marciele não conseguia ser indiferente a essa situação. Ela se via naqueles rostos e, como aluna mais velha da escola, sentia-se responsável.

Em casa, compartilhou sua preocupação com o marido. Juntos, pensaram em propor um jornal, um grêmio... Mas a menina do Cabanas achava que seu conhecimento era muito limitado para fazer aquela movimentação. Conversou, então, com os colegas “nerds” de sua turma e de outras turmas da escola, que pensaram em algo mais simples: apenas brincar. Criaram, assim, uma programação de brincadeiras para a hora do intervalo e apresentaram a proposta à diretora. Beth aceitou a sugestão e decidiu fazer um teste por uma semana. Será que daria certo?

Deu tão certo que as práticas se estenderam por vários meses. Os 15 minutos viraram 30. Cada professor cedeu um tempinho da sua aula e aquele momento de descontração fortaleceu as amizades e contribuiu para que os estudantes conversassem entre si – e para que contassem uns com os outros. Foram dias de gincanas iguais às da TV, brincadeiras de estourar o balão, corridas de saco e premiações que garantiam apenas o lanche na cantina, mas parecia ser o maior prêmio do mundo. A rádio da escola, que estava desativada, também voltou a tocar música. Na programação, o repertório que alunas e alunos escolhiam.

Para jogar e fazer parte das equipes, era preciso se esforçar em sala de aula. E ninguém queria ficar fora das atividades do intervalo. Com o passar do tempo, aquela escola deixou de estar na lista das mais violentas da cidade. Pelo contrário, começava a se tornar referência nas notas. Pensa que parou por aí?

Não. O próximo passo foi a criação do jornal “A Semana”. Toda semana os alunos buscavam notícias do bairro e retratavam, de dentro para fora, como queriam ser vistos. Da escola para o bairro. Mães, pais e todos os moradores do Cabanas estavam nas manchetes – e não era nas páginas policiais. Eles fotografavam e se retratavam como queriam ser vistos, como queriam ser mostrados. Com o apoio da escola e reconhecimento da prefeitura, o jornal chegou à distribuição de 3 mil exemplares. Marciele quase perde o ar de tanta felicidade e tanta história para contar quando se lembra desse tempo.

## **1.1. Aprender a empreender**

Depois da oitava série, Marciele concluiu os estudos no Ensino para Jovens e Adultos (EJA), antes oferecido no antigo prédio Padre Avelar, localizado no centro, onde hoje funciona o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), da Universidade Federal de

Ouro Preto (UFOP). E agora Marciele sabia que era possível transformar um lugar, que podia se mexer de dentro para fora. Não queria parar. O Cabanas era o bairro da sua família, o lugar onde ela cresceu e onde estava criando os seus filhos, escrevendo a sua história. Então ela voltou seu olhar para casa e dividiu suas ideias e sonhos com a família. Dessa vez, o apoio maior veio de sua irmã, Marilene, que, assim como ela, desejava abrir um negócio próprio. As duas já haviam feito cursos na área de estética e, juntas, decidiram entrar no segmento do salão de beleza.

O pequeno negócio começou na garagem da casa, apenas para atender as clientes do bairro. Mais tarde, a demanda aumentou e elas disponibilizaram a manicure, Cristiane, que passou a compor a equipe. Logo virou a terceira sócia do salão. De repente, estavam atendendo as madames de Mariana – que eram convidadas a subir o bairro Cabanas e conhecer

o lugar. Com a expansão dos negócios, o *Salão Charme* mudou a decoração e se profissionalizou.

Marciele começava a se enxergar como empreendedora. Percebia e sentia o quanto era importante ser daquele lugar e se reconhecer naquelas pessoas. A maioria das suas clientes era constituída de pessoas próximas, amigas, conhecidas, colegas, mães, irmãs e filhas. Todas formavam uma rede de apoio e indicavam os serviços do salão. Ao mesmo tempo, passaram a falar do bairro de outra maneira. “Pude ver o quanto é importante ser e pertencer ao lugar”, avalia Marciele. Foi uma experiência que durou quatro anos e mexeu com a autoestima de Marciele e de suas companheiras negras, que acreditaram no próprio potencial e chegaram no ápice dos seus trabalhos.

## **1.2. Do Cabanas para o mundo**

Eu disse que Marciele queria mudar o mundo. E, assim, ela guardava em seu peito uma vontade de

trabalhar com o social. Fazer com que outras pessoas acreditassem que era possível realizar os sonhos. Que outras pessoas pudessem ser empreendedoras de si e mudassem aquele lugar. Que fossem capazes de transformar. Esperançosa, envolveu-se com a associação de bairro e tentou eleger sua chapa questionando a representatividade do Cabanas na Prefeitura de Mariana. Mas os homens do bairro, já acostumados a ocupar esses espaços, não abriram mão dos interesses – que pareciam individuais – para beneficiar o coletivo.

Marciele não venceu, mas, de novo, não desistiu. Na internet, pesquisou como outras comunidades, favelas, grupos e escolas que se organizavam para não depender apenas da política – já tão desacreditada por causa dos sucessivos casos de corrupção relatados pela imprensa. Foi durante essa pesquisa que Marciele conheceu os projetos da CUFA, a Central Única das Favelas, maior organização não-governamental do

Brasil, presente em todos os estados e em mais de 15 países. Mais tarde, durante um show de rap que teve a oportunidade de assistir em um passeio ao Rio de Janeiro, descobriu que a Central patrocinava produções culturais em apoio à inclusão social. Nessa ocasião, ela conheceu o presidente da organização, Francislei Henrique, mais conhecido como Francis, e o chamou para conhecer o bairro Cabanas.

Na semana seguinte, Francis e sua família estavam subindo e descendo o bairro, conhecendo o Cabanas a partir dos olhos da Marciele. Ao fim da visita, eles confirmaram, a CUFA deveria agir naquele local. A partir desse momento, ela decidiu direcionar seus investimentos para ações culturais da região de Mariana e, assim, passou a levar à cidade shows de rap, funk e outros MC's.

Marciele foi, então, convidada a conhecer melhor a CUFA e a história de seus fundadores, Celso Athayde e Negra Giza. Compartilhou com eles suas

vivências – desde ser mãe até pensar um novo jeito de conceber sua escola e seu bairro. Foi assim que conquistou a atenção de rappers, intelectuais e todos aqueles jovens negros e negras que vinham de diversos estados do Brasil.

A maneira como Marciele contava suas histórias e propunha suas ideias chamou a atenção do fundador, Celso Athayde. Ele a convidou para uma conversa com todos os representantes da CUFA de Minas Gerais.

Naquela mesa, ela era a única mulher. E, aos olhos dele, era também a próxima presidente estadual da CUFA. Atento a todas as pautas nacionais e mundiais, Celso Athayde apoiava lideranças femininas, de forma que elas pudessem encabeçar os principais projetos. Olhando para o passado, ela se recorda:

“A organização sabia do meu potencial, eu não sabia. Mas nós só precisamos de alguém que acredite na gente. E eles acreditaram em mim.”

Na época, a prefeitura de Mariana não agiu da mesma forma, e inviabilizou que os projetos fossem realizados para a população da cidade. Assim, Marciele precisou expandir seu foco e passou a pensar na mobilização da capital, Belo Horizonte, e em todo o estado de Minas Gerais.

Realizado há mais de cinco anos no Rio de Janeiro, o Taça das Favelas foi o primeiro grande projeto que Marciele mobilizou para trazer a Belo Horizonte. Dando início ao maior campeonato de futebol de base, com o propósito de apoiar o esporte, promover a integração das regiões marginalizadas e, principalmente, dar oportunidade para meninos e meninas de 14 a 17 anos, moradores das favelas, mostrarem que, apesar das dificuldades, sobra talento. Eles só precisam ser vistos e valorizados.

Além dessa ação, Marciele também esteve à frente da Maratona Facebook de Empreendedorismo, uma parceria da CUFA com a rede social para incentivar a inserção da tecnologia e desenvolver os negócios dentro das favelas. Através desse projeto, do sul ao nordeste, a menina do Cabanas rodou o Brasil divulgando os cursos de capacitação e dando apoio àqueles que mal se viam empresários.

Alçando voos cada vez mais altos, no ano de 2015, Marciele foi nomeada presidente estadual da CUFA, Minas Gerais, e representou a organização em Nova Iorque, ao receber as três cadeiras da ONU (Organização das Nações Unidas) responsáveis por habitação, juventude e afrodescendência.

Ela, que queria abraçar o seu bairro, de repente estava abraçando o mundo. Mas ainda não estava satisfeita. Sua família e a sua casa estavam em Mariana, estava no Cabanas, e ela queria direcionar suas energias para mudar seu lugar. Ela crescia a cada

ano e, agora, se sentia maior, mais forte, mais dona de si e do melhor jeito. Empoderada.

### **1.3. Juntas somos mais fortes**

Percebendo até onde pôde chegar, Marciele sentiu a necessidade de incentivar outras mulheres. Passar essa confiança e dizer que, juntas, elas são mais. Ela apostou na busca e na união das mulheres da região para desenvolver e apoiar a economia e o comércio local. O marido, Alexandre, só reparava cada passo de Marciele, sempre com um projeto novo e indo mais longe. “Não é muito? Não vai te sobrecarregar?”, perguntava. Ela, antenada e com o celular na mão, respondia: “Com a tecnologia de hoje a gente faz isso com os pés nas costas!”

E, então, começou outro projeto. Chamou uma amiga advogada, outra amiga dona de casa, uma vendedora de cosméticos e entre outras mulheres de

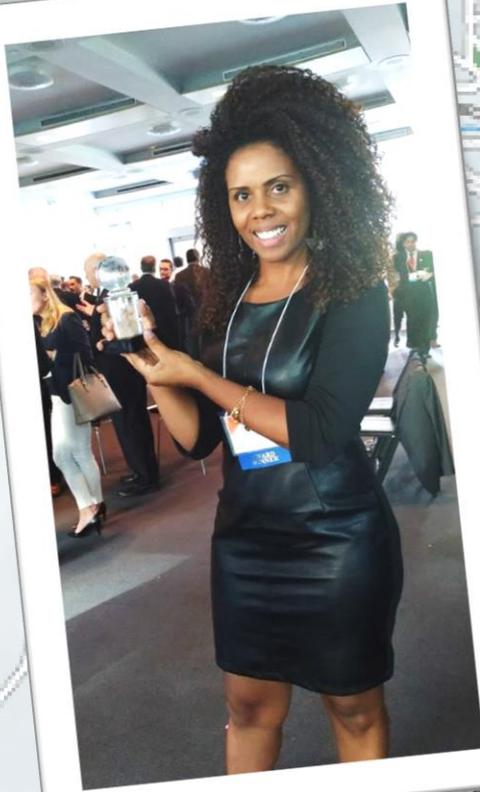
diversas profissões para um café da tarde na sua casa. Conversaram, apoiaram uma às outras e começaram um movimento chamado *Mulheres que Inspiram*. E é isso o que elas são até hoje: mulheres que inspiram – umas às outras, os filhos, os maridos, as mães e toda uma cidade.

As mulheres marianenses se revelaram inovadoras. Mesmo após o rompimento da barragem de Bento Rodrigues, os impactos da tragédia atingiram as famílias de diferentes formas, e uma parcela expressiva dos marianenses ficou desnorтеada por algum tempo. Todos perderam um pedaço da vida, um ente querido, um lugar que nunca mais será o mesmo, um emprego de 20 anos que não existe mais. A tragédia revelou o quanto a economia da cidade ainda era dependente da extração do minério.

O segredo delas para superar o desastre foi valorizar o que se sabe e o que se tem: o sabor da comida mineira, o artesanato, a hospitalidade, a

conversa, a arte e a religiosidade. Marciele é uma dessas marianenses, mineiras e brasileiras que estão por aí nas escolas, nas igrejas e nas mesas de negócios, sempre abertas para compartilhar suas vivências e determinadas a se reinventar.

# Mariana



Marciele recebe prêmio da ONU representando a CUFA.



Fonte, Jornal Ponto Final: "Mulheres que inspiram"

## 2. Educar para transformar: **Bairro Santana**

Marcamos e remarcamos esta entrevista mais de uma vez, talvez fosse preciso marcar uma outra viagem de ônibus, para ouvir suas histórias novamente. Essa mulher, que eu não sei bem quando conheci, parece que sempre esteve por aqui, entre a cidade e a universidade.

Foi recentemente que descobri mais detalhes da sua relação com Mariana, em uma viagem ao interior de São Paulo. Ela havia se disposto a acompanhar as alunas e alunos da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) ao 16º Encontro Regional de Bolsistas do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Entre a ida e a volta, foram 24 horas, um filme e muitas histórias reais sobre a vida de Celia Maria Fernandes Nunes, que, para nós, sempre foi e será

somente a Celinha. Ela, com um sorriso no rosto, se pôs a contar tudo o que viveu do Rio de Janeiro até chegar à Mariana.

Sim, a Celinha nasceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de novembro, mas não sei dizer o quanto esses dados podem significar a vida de uma mulher. No caso da Celinha, que faz a sua própria história onde estiver, parecem ser, ainda mais, apenas dados que a colocam no gentílico de carioca e no signo de escorpião. Características que eu, paulistana, e os outros marianenses nunca dariam a ela, se o RG (Documento de Registro) não dissesse.

Não por isso, escrevemos neste livro, nesta página, mais uma vez, que a Celinha também é marianense. E eu só repito o que já foi dito outras vezes, pois, em 2011, ela teve a honra de ser homenageada com o título de cidadã marianense. Por cada escola que essa professora passou, por cada aluna e aluno que ela formou e cada professora que

ela apoiou. O seu olhar foi longe ao pensar em como melhorar a educação na cidade.

Você, leitor ou leitora, pode até pensar que eu quebrei a minha promessa, porque este era para ser um livro para contar histórias das mulheres marianenses. Caso você desista de ler, antes, vou perguntar, você já foi a Mariana? Já conheceu profundamente uma mulher? Pois eu lhe digo, nem Mariana, nem as mulheres são estáticas. Ao contrário, são passagens de fases, de formas, das montanhas às margens dos rios, dos sorrisos às lágrimas no rosto. Não se trata só do começo ou do fim, é um processo eterno de construção e desconstrução. De resgatar a memória, a história e mudar o presente. Assim como a Celinha foi construindo cada parágrafo da sua vida nesta cidade e mudando o que estava fora de lugar.

E ouvi-la durante o trajeto foi tão bom quanto a nossa chegada. Naquela viagem até São Carlos, estávamos voltando algumas páginas da vida dela, e

para a nossa sorte, ela decidiu dividir essas lembranças com todas e todos que estavam no ônibus.

Nós, universitários, jovens, mas cansados, não conseguimos dormir. Vi as alunas de pedagogia, em sua maioria, marianenses, se virem nos olhos dela. Na luta dela. Estava entre nós a alegria de uma eterna aluna, dessas que está sempre com os olhos e ouvidos atentos e tem algo para acrescentar.

Logo estávamos todos nos esticando da poltrona para ouvir melhor como a menina carioca, loira e bronzeada, estilo a atriz, Vera Fischer, quis ser muito mais do que um rostinho bonito ou a garota de Ipanema. E da praia para as montanhas, foi morar em Minas Gerais.

Há 26 anos, chegava em Mariana uma nova professora, formada em São Paulo e que trazia um amor. Ela e ele cursaram o mestrado em São Carlos, sim, justamente para onde estávamos indo naquele ônibus.

O Carlos Eduardo, formado em Engenharia, havia passado no concurso para ser professor na Universidade Federal de Ouro Preto, a UFOP. Ela decidiu acompanhá-lo. Após a graduação, tinha duas certezas, não havia de ficar rica, mas sabia que podia ser professora em qualquer lugar. Para morar, consideraram o fato de Mariana ser uma cidade mais plana e preferiram o clima mais agradável daqui, do que o temeroso frio de Ouro Preto. “Eu posso ser professora em qualquer lugar”.

Um ano após a sua chegada, a cidade já sabia da sua presença e do seu trabalho de pesquisa na área da Educação. Pensava ela ainda ser uma desconhecida, porém, não há como passar despercebida quando os marianenses conhecem até as pedras das ruas.

## **2.1. Estreitando a relação**

No ano seguinte, a Secretária de Educação, Siham Favez Armache, propôs o desafio. Convidou

Celinha para ser coordenadora pedagógica do Centro de Educação Padre Avelar (CEMPA), no bairro São Sebastião.

Significava coordenar uma escola, que atendia mais de 1400 alunos, funcionava durante os três turnos e oferecia do ensino básico ao EJA (Ensino para Jovens e Adultos). Celinha já havia tido experiência em sala de aula e atuado como supervisora, mas essa proposta era maior, e ela aceitou.

No dia a dia, logo viu a necessidade de aplicar, na prática, o que ela estudava na teoria. Durante a conclusão do seu mestrado, Celinha se aprofundou na sua pesquisa empírica, a qual buscava a melhoria da educação nas séries iniciais, a partir da valorização das(os) professoras(es).

Os índices de retenção e reprovação cresciam a cada ano no CEMPA. Diante dessa situação, a nova coordenadora propôs um trabalho coletivo com as

pedagogas, fundamentado nos estudos do filósofo e psicólogo Jacob Levy Moreno. O objetivo do projeto foi fortalecer e unir essas profissionais, que, juntas, conseguiram elaborar um novo plano pedagógico para o Centro de Educação.

A experiência durou dois anos e contribuiu muito para criar uma ligação entre Celinha e o município. Ela concluiu o seu mestrado e, atualmente, o CEMPA já passou por altos e baixos, mas continua sendo uma referência na formação de alunos e professores na região. “Foi um trabalho muito bacana e enriquecedor. Uma experiência que me ajudou muito nesse meu começo. E até hoje na minha forte relação com o município”.

A marianense Andréia Dias relatou-me, nas idas e vindas de ônibus de Mariana a Ouro Preto, que a cidade demorou muito para chegar na estrutura básica de educação que existe hoje.

Na roça, onde os pais dela moravam, sua mãe, até pouco tempo, fazia as vezes de professora. Com todo o esforço, ela partia os lápis, que já eram pequenos, ao meio, os apontava novamente e os remendava com graveto de bambu para as crianças poderem escrever.

São relatos como esse que demonstra que, quando falamos de Educação, quase sempre constatamos que ainda falta muito, não só em Mariana, mas no Brasil. E personagens como Celinha vêm tentar, de alguma forma, transformar esse cenário, seja no distrito, no bairro, no município. Professoras resistem.

## **2.2. Os próximos passos**

Os pais desta menina criaram ela e os irmãos para sempre irem mais longe, e não se acomodarem. Dona Beatriz Fernandes Nunes e o *Seu* José Nunes, apesar da pouca instrução, incentivaram muito os

cinco filhos a estudar. A filha conta com orgulho que todos os filhos da família Nunes concluíram a graduação antes da sua mãe falecer.

Celinha havia terminado o mestrado e feito o seu trabalho na escola, mas sabia que a sua carreira estava só começando. Era preciso ter estabilidade para seguir em frente. E, após passar em 1<sup>a</sup> lugar no concurso da Universidade Federal de São João Del Rey (UFSJ), ela pensou em ir embora.

São João Del Rey é logo ali, é uma cidade também histórica, mas não é Mariana. Que história é essa?! Olha aí você fechando o livro de novo! Calma, calma, nem ela queria ir e nem a UFOP queria deixá-la ir. E esse foi mais um momento em que ela se sentiu acolhida pela cidade.

Finalmente ela estava efetivada na UFOP, como sonhou. As universidades remanejaram as vagas e ela e o marido continuaram por aqui, como tanto desejaram.

Ainda havia muito a ser feito. E, se Marciele me remetia à palavra *empreender*, Celinha me traz a palavra *educação*. Não apenas por ser a sua área de estudo ou por se referir à sua profissão, mas por vê-la acreditar na educação como o caminho mais certo para intervir na história do lugar.

E, mesmo sem acreditar, ela também me diz a palavra *destino*. Será que Mariana estava no destino dela, assim como ela estava no destino da educação de Mariana? Não sei, só sei que ela não se contentou em apenas passar no concurso, ser coordenadora de uma escola e terminar o mestrado. Como professora efetiva da universidade, começou a firmar mais ainda as suas raízes aqui.

Mesmo sendo um lugar de difícil acesso, onde, até o ano de 2013, a prefeitura sequer havia disponibilizado internet nas escolas. Contudo, não podemos deixar de reparar a vontade de estudar que os marianenses têm. Alguns andam horas, a pé ou de

carroça, descem e sobem morros, deixam suas famílias na roça e vêm estudar na cidade. Quando mais velhos, trabalham o dia todo e, em busca de uma vida melhor, dedicam-se a pagar mensalidades de um curso técnico ou de uma faculdade particular. Ainda que tenha uma universidade pública logo ali. O incentivo privado é maior e, das 74 escolas de ensino básico e fundamental, 42 são privadas. E apenas 27 escolas realizaram a prova Brasil de avaliação nacional da educação, aplicada no ano de 2015.

Esse impacto continua no ensino superior, falta qualidade e sobra franquia e empreendedorismo. Empresas educacionais visam o lucro acima da esperança de muitas(os) alunas(os) de ter um futuro melhor. As propagandas divulgam as baixas mensalidades que chegam aos ouvidos dos marianenses mais humildes, antes da informação sobre haver 2 *campus* de uma universidade pública na mesma cidade.

No entanto, Celinha tem ultrapassado os muros do universo acadêmico para, cada vez mais, acreditar que as filhas(os) desta cidade não são apenas um objeto de pesquisa. Assim como ela, são donas(os) de suas histórias, futuros pesquisadores, professores e transformadores.

Depois de um tempo, os seus dois pequenos estariam a caminho. A carioca, cada dia mais marianense, daria à luz ao Matheus e ao Gabriel, que vieram nascer nestas terras.

Em momento algum parou de estudar, queria fazer o doutorado em Educação e ingressou na Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio). O marido a acompanhou e também foi cursar o seu doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Mais uma vez, o mundo a chamava e ela precisava ir, mas não deixaria completamente Mariana. Afinal, o seu emprego estava aqui. Ainda

assim, teria que continuar os estudos no Rio por mais quatro anos. E ela tentou, levou a família toda, um menino pequeno e um recém-nascido. Alugou uma casa e imaginou que sentiria saudade, porém, não pensou que seria tanta.

Ao fim do primeiro ano longe, ela precisou voltar para orientar a apresentação científica de um dos seus alunos. E, vindo da rodoviária de Ouro Preto, ao descer no ponto do Pão de Queijo, no centro de Mariana, ela demorou uma hora e meia para chegar ao ICHS. Um trajeto que, segundo o Google, demoraria, no máximo, oito minutos.

Ao atravessar a Praça Gomes Freire, o nosso querido Jardim, recebeu todo o carinho das pessoas que a reencontravam. Cada amigo da escola, da universidade, da cidade, da rua... parava para conversar, abraçar, acalentar aquela visita que nem deveria ter ido embora. Era um abraço aqui, outro ali, um perguntava sobre o filho, outro pelo marido,

quando ela ia voltar... E não teve como, quando ela chegou no Rio, decidiu voltar definitivamente para Minas com a família.

Assumi o peso da decisão e passou a viajar mil quilômetros para estudar no Rio e poder morar em Mariana. Ela não queria mais viver longe desse carinho e dessa paz de andar pelas ruas e ter a certeza de que o lugar dela era ali. Mais rápido do que foi, ela voltou – e trouxe com ela toda a família. Se, antes, a UFOP a escolheu, agora ela escolhia a cidade de vez.

Com uma ou outra dificuldade, em 2004, Celinha terminou o doutorado, com os meninos na barra da saia e os levando para a sala de aula, se tornara mãe e doutora. Entre a ponte Rio de Janeiro e Minas Gerais, ela preferiu Mariana para viver, a **sua** cidade maravilhosa.

E não parou por aí...

Anos depois, ela ainda lutou pela ampliação da UFOP na cidade, acompanhou o processo de

aprovação para fundar o segundo campus em Mariana, o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), e trazer os novos cursos de Administração, Ciências Econômicas, Serviço Social e Jornalismo.

Concorreu ao cargo de primeira vice-reitora da universidade e ganhou. A história dela não parou e não para, está por aqui e em todo lugar, é viva e presente, dos corredores da universidade para a cidade.



Foto de Perfil da Célia Nunes na Rede de Inserção no Ensino.



A vereadora Daniela Alves homenageia Célia Maria Fernandes Nunes.

### 3. Senhora dona da sua fé: **Bairro Catete**

Conheci a Dona Cici numa novena de mulheres, na casa da Dona Maria. Entrei naquela casa antiga, historicamente velha, de paredes brancas e janelas e portas azuis. Na sala, havia uma tevê de LCD, bem fininha, que destoava do chão de madeira, dos móveis e dos porta-retratos antigos e empoeirados, cheios de desenhos barrocos.

As senhoras presentes na sala me olhavam muito curiosas! Dona Letícia, Dona Sebastiana, Dona Mônica, Dona Elisângela e Dona Maria. Elas estavam com cara de quem se perguntava - o que uma menina tão nova queria no meio daquelas senhoras?! – E elas estavam certas em desconfiar: em uma terça-feira ensolarada, após quatro horas de aula, eu não queria mesmo rezar. Queria saber se Dona Maria tinha mais alguma história para me contar. Daquelas que ela me

contava quando eu ia visitar a sua neta. Mas Dona Maria havia quebrado a perna, nem podia se levantar e disse logo: - Diga minha filha, mas o que era que você queria? - Mais uma vez, aquelas senhoras me olhavam com olhos arregalados. Agora protetoras e preocupadas com a Dona Maria, se perguntavam - O que é que ela quer?! - Tratei logo de abrir o jogo: - Vou explicar para as senhoras o que eu vim fazer aqui. Estou fazendo um trabalho de conclusão de curso e, nele, tenho a missão de falar um pouquinho sobre como é ser mulher em Mariana. E pensei que a senhora, Dona Maria, pudesse me ajudar, talvez indicar alguém com quem eu pudesse conversar.

Se desculpando, Dona Maria foi dizendo que não tinha, ela mesma, muita coisa para contar, mas que indicaria outra pessoa. As outras mulheres, mais calmas, e, agora, atenciosas, adoraram a ideia do trabalho e começaram a pensar em quem eu poderia entrevistar. Falaram um nome aqui, outro ali, e todas

concordaram que eu precisava conhecer a Dona Cici. Depois de conhecer tantas senhoras e andar tanto por Mariana pensando em quem poderia ser as mulheres que estariam neste livro, estranhei:

- Cici?! Quem é a Dona Cici?

E elas me questionaram:

- Como você não conhece a Dona Cici? Espere aí que ela já vai chegar.

Menos desconfiadas e mais tranquilas, começamos a conversar e elas me contaram mais sobre a Dona Cici, que, apesar de não ser freira, auxilia nos batizados, participa da organização e preparação das missas, casamentos, orienta os jovens, dá cursos na igreja e é ministra católica. Pensei e perguntei: tudo bem, mas é sobre a cidade também, qual a relação dela com Mariana? E elas continuaram me contando que ela viveu a vida toda aqui, trabalhou na antiga fábrica têxtil, uma das primeiras grandes empresas a chegar em Mariana e empregar muita

gente. A fábrica era onde, hoje, é o Centro de Convenções. Dona Cici estava em Mariana há tanto tempo que viu a companhia de energia chegar. Antes, havia só as lamparinas pelas ruas e, à noite, era a maior escuridão.

Muito entusiasmadas, elas queriam mesmo me dar provas de que a Dona Cici era a mulher com quem eu devia falar.

Como é mesmo que eu podia ainda não ter conhecido Dona Cici?!

Mônica, filha da Dona Maria, continuou dizendo que Dona Cici estava aqui muito antes de todas nós. E, quando vi, eu já estava à espera da Dona Cici, que iria dar início à oração. Percebi que a presença dela era muito importante e aquela novena não começaria sem sua chegada.

Enquanto aguardávamos, a lista de feitos da Dona Cici só crescia e eu ficava cada vez mais curiosa. Imaginava: como devia ser essa Dona Cici?

E, assim, todas nós passamos a olhar para a porta aguardando a chegada dela.

Na minha cabeça, era difícil ter uma imagem de como seria Dona Cici. Suas amigas diziam que anda para cima e para baixo em Mariana, que sempre tem um compromisso e está muito ocupada com tantos afazeres e, por isso, eu imaginava que era uma mulher madura e ativa, de uns quarenta e poucos anos. Depois, elas diziam que a Dona Cici tinha muitas histórias e já havia vivido muito, tanto que viu vários marianenses nascerem e morrerem. Então, eu pensava na imagem de uma anciã.

Até que finalmente ela chegou!

- É ela! - Avisou a Dona Sebastiana, que a esperava no corredor. Chegou a Dona Cici, pequenininha, com um sorriso de criança e os passos firmes de uma jovem. Aos 91 anos, sem muletas, sem acompanhante e querendo logo saber o que queriam com ela. Expliquei tudo de novo e ela consultou a sua

agenda na memória, marcamos um dia e hora para eu ir à sua casa. Me disse o seu endereço e foi me mandando embora, pois elas já estavam atrasadas para rezar e a dona Cici não gosta de atrasos.

Satisfeitas com o encontro, deixei aquelas mulheres e a Dona Cici para darem início à novena, um momento de fé em plena tarde de verão.

### **3.1. Uma oração**

Numa quarta-feira de janeiro, como marcado, saí do bairro Chácara e fui até o Catete, na Avenida Nossa Senhora do Carmo, onde encontrei, no número 394, uma casinha verde de portas e janelas marrons, simples e bem cuidada. E lá estava ela, com as portas e janelas abertas, sentada na cadeira de balanço. Balançava e esperava, como quem espera desde às 5hrs da manhã, mesmo tendo marcado às 8 horas. Assim como eu, Dona Cici parecia ansiosa e estava disposta a ajudar.

Nos cumprimentamos, nos sentamos e, em tom alto e claro, ela me disse, como quem já estava matutando há algum tempo:

- Ô Amanda! Você é católica?!

E antes mesmo de estar naquela casa, eu já sabia que essa pergunta era fundamental para iniciar a nossa conversa disfarçada de entrevista.

Aos 10 anos, a menina Cici deixou a sua infância na roça e se mudou com a família para Mariana. O seu pai buscava emprego e sua mãe queria continuar criando os filhos. Em Piranga, não dava mais para depender só da roça para alimentar as três meninas e um menino. Naquela época, não tinha essa história de carroto, venderam o que puderam e o que não puderam trouxeram na carroça e no lombo dos cavalos.

O desenvolvimento industrial começava a chegar na cidade. Aqueles olhinhos de menina, costumados a ver apenas as lamparinas, viram a energia elétrica

chegar na cidade e os primeiros postes de luz serem instalados.

Calma, na cadeira de balanço, ela cruzou as pernas e me contou um pouco do que queria sobre a sua vida. Na sala escura, só com a luz do dia e a porta aberta para a rua, ela olhava ao longe, como quem buscava enxergar a própria memória.

Sorriu e se lembrou de como ela, o irmão e as irmãs eram felizes na roça, o quanto eles rolavam pelo chão, corriam e brincavam até mais tarde. Logo em seguida lamentou: - “Essas crianças de hoje em dia, minha *fia*, não sabem mais o que é brincar, vivem largados pela família, é só na televisão ou no celular”. Concordei com ela, enquanto segurava o celular em uma mão e o gravador na outra.

Quando a família chegou na cidade, a sua mãe passou a ficar mais preocupada, os meninos já não podiam brincar fora de casa. Naquele tempo, os carros

já corriam demais e tiravam a paz de quem estava acostumado só com o barulho do galopar dos cavalos.

E, agora, se o filho e as filhas ficavam mais em casa pela preocupação da mãe com a segurança, quando as meninas viraram mocinha, então...

“Virar mocinha” era como se dizia quando vinha a primeira menstruação para as meninas. Os pais costumavam e alguns ainda costumam pensar que logo as filhas vão começar a namorar e podem acabar engravidando. Por isso, passam a “prender” as meninas mais em casa e ficam bem de olho nelas. Criando na rédea curta.

Um refúgio para a Dona Cici foi a missa. Todos os finais de semana, vestia uma roupa bonita para ir à igreja fazer uma oração, ouvir um sermão, pedir o perdão, agradecer e abençoar a próxima semana. Depois, um passeio na praça.

Diferente da preocupação dos pais, namorar era uma das últimas ideias que passava pela cabeça

daquela menina. Apesar de, mais tarde, me confessar que teve um ou outro namorado. Com o passar do tempo, ela foi se apegando cada vez mais à religião católica. Batizada desde pequena, deu continuidade aos sete sacramentos, fez a eucaristia, concluiu a crisma, participou do grupo de jovens e, ainda no alto da sua juventude, desejou ser freira e servir somente a Deus. Mas o padre a recomendou que esperasse e pensasse melhor.

Dona Cici não queria apenas exercer a sua fé, queria entregar o seu tempo, as suas ações e participar ativamente da igreja. Porém essas intenções iam contra as ideias de Dom Oscar, arcebispo de Mariana até o ano 1988, que pensava que as mulheres não deviam estar no altar, tão próximas de Deus e das celebrações quanto um padre. No entanto, o próprio padre a convidou para ser a primeira ministra mulher de Mariana.

Refletindo sobre aquelas questões, dona Cici me disse que, aos poucos, as mulheres têm tomado cada vez mais espaço na missa, nas celebrações e tendo voz ativa na religião. Ela ocupou o cargo de ministra por mais de 30 anos e se sentia orgulhosa do feito. Tomou gosto por praticar a sua fé e direcionou a sua vida para a religião.

Diante desta senhora extremamente de fé e religiosa, fiquei feliz em poder responder:

- Sim, Dona Cici, fui criada na igreja católica.

- Graças a Deus! – Correspondeu ela com felicidade.

No entanto, confessei:

- Mas eu deveria estar indo mais à missa, estou devendo isso para a minha mãe.

Expliquei que não havia gostado da missa na Catedral da Sé, apesar de a igreja ser uma grande obra do Século XVIII, o espaço ficava pequeno para tantos

fiéis e turistas durante as celebrações no principal ponto turístico da cidade.

Porém, recentemente, eu havia conhecido a Capela São Vicente, próximo à moradia de estudantes, no bairro São José, que todo marianense chama de Chácara.

Nesta capela, não há adornos em ouro, desenhos no teto, grandes colunas e castiçais como na Catedral. As paredes brancas e o chão cinza são simples, portas e janelas de ferro, vidro colorido e um salmo ao fundo que diz: “Família que reza unida permanece unida”.

A capela não está no circuito turístico e a maioria de fiéis são marianenses do bairro, nascidos e crescidos ali. E, de alguma forma, isso me faz sentir em casa.

Feliz pela resposta, Dona Cici logo perdoou as minhas faltas à missa, dizendo que não importava onde eu fosse, o que importava era a devoção que eu devia ter, e se pôs a explicar:

- A missa é uma só, onde você gostar. Tem gente que vai lá em Passagem, tem gente que mora em Passagem e vai lá na Colina. Você tem que ter devoção à missa, porque a missa não é uma oração comum. Jesus fez uma ceia espiritual, foi Ele que celebrou a primeira missa, todos somos comungados. Tanto que os apóstolos escolheram o domingo, que é um dia santificado, de santificação maior pela missa. Deus te dá uma semana para você estudar, te dá inteligência... e, domingo, você vai lá pra quê? Pra agradecer a Deus, adorar, pedir perdão dos pecados, pedir as graças que você precisa. Então, quem vai à missa já consagra a sua semana, seus atos da semana têm o valor de oração. Porque Jesus já entregou ao pai a sua vida, então é um valor muito grande. Na igreja, nós temos duas forças muito grandes, uma é a missa e a outra é devoção à Nossa Senhora, são duas forças que o demônio nunca vai vencer.

Pronto, a Dona Cici já havia dado um jeito de começar a me catequisar! Aquela senhorinha, tão enrugada pelo tempo e de olhinhos pequenos, se tornava grande e mantinha voz forte para falar da sua fé e explicar tudo o que sabia.

Quando achei que ela tivesse terminado, eu disse amém, mas não acabou, não. Ela ainda me deixou uma tarefa, me recomendando ter bastante devoção no domingo e ir à missa.

Cici era assim, sem você perceber, ela já fazia uma oração, te convidava para ir à missa, te dava um sermão, lia um salmo, explicava uma parte do evangelho e abençoava a sua família. Nunca mais uma visita iria esquecer a importância da fé.

Pode até parecer estranho que, em pleno século XXI e com todo o desenvolvimento da ciência, alguém ainda consiga envolver as pessoas falando das questões espirituais, do que não se vê, do que não se toca, mas se sente.

Havia uma certeza na crença de dona Cici que não se impunha, só queria fazer bem, das coisas boas da vida. Ela não tinha tempo a perder, tentando convencer ou correr atrás das pessoas, ela apenas falava para quem queria ouvir. E, quando percebia a oportunidade de falar para os jovens, aí sim, ela gastava toda a sua memória, tempo e disposição para passar os seus valores e ensinamentos.

E, assim, ela misturava a sua vida com a fé em Deus para nunca desistir de cuidar das coisas que ela acreditava. Entre um assunto e outro, dona Cici se lamentava, dizendo que os adolescentes de hoje não gostam mais de ir à missa, mas me lembrava de que nunca é tarde para buscar a Deus e ouvir suas palavras. Dona Cici me explicava que, se, por um lado, os adolescentes estão afastados da religião, por outro, os adultos têm retomado a catequese e a vontade de estar ligados a Deus.

Ela não se esquecia do orgulho que sentiu ao ver um engenheiro formado, de 32 anos, fazer a catequese, se batizar e tomar a primeira comunhão, todo vestido de branco. Segundo ela, ele ainda convidou os pais, que vieram do Rio de Janeiro para assistir ao filho naquela celebração. Estudiosa da bíblia, Dona Cici compreendia que o exemplo é uma ótima forma de levar a palavra e, por meio das suas histórias de vida e da sua relação com Deus, ela reforçava que sempre é tempo de praticar a fé.

Em seguida, me perguntou se eu comungava, disse que não, pois não estava me confessando e, para comungar, é indicado pela religião se confessar. Dona Cici mais uma vez “me puxou a orelha” e disse que é importante comungar e que, quando eu tivesse a oportunidade, seria bom confessar. Esperta na argumentação que só ela, falou que eu era uma ótima moça, mas que eu não me esquecesse que sempre é preciso cuidar da alma, pois não faria mal. Já começo

aqui a confessar que, neste momento, tive medo de ela estar vendo todos os meus pecados.

Passado algum tempo nessa primeira visita, já tínhamos conversado sobre muitos assuntos. Então, minha entrevistada lembrou, preocupada, do meu trabalho de faculdade e disse. - Daqui a pouco eu te ajudo, a gente já começa o nosso assunto. Falando sobre me dar a tal entrevista. Mal sabia ela que a gente já havia começado fazia algumas horas daquela manhã. E eu queria mesmo que ela ficasse assim, à vontade.

Então eu a acalmei: “pode ficar tranquila, Dona Cici, a nossa entrevista já começou, e que bom que é uma conversa”.

Aos poucos, também contei sobre a minha família, metade evangélica, metade católica, sobre a minha mãe, também mineira, e sobre a minha relação com a fé.

Numa prosa de horas, trocamos histórias das nossas vidas como se fôssemos exatamente da mesma época. Apesar da diferença de idade – ela, do alto dos seus noventa e um anos e eu, aos meus vinte e seis – falamos sobre tudo. Juntamos a curiosidade de uma com a outra, e ela devolvia as perguntas: onde eu morava, se eu tinha irmãos, se eu tinha namorado, como era o meu curso...

Ela olhava bem no fundo dos meus olhos, prestava atenção no meu jeito, na minha voz, e ia se agradando. Muito preocupada com os jovens e as crianças.

Ainda que pudesse estar descansando da sua longa vida, Dona Cici refletia sobre como poderia ajudar as outras pessoas.

Um dia, dando aula de catequese, enquanto ela falava para os seus alunos sobre respeitar pai e mãe e honrar a família, um menino de 10 anos disse que seus pais mal se falavam. Ela lembra dessa história um

pouco brava, e, nesse momento da entrevista, começou a falar mais rápido, ansiosa para me contar sobre a sua indignação. Dona Cici me olhava séria e não entendia como os pais pudessem deixar os filhos(as) jogados(as) por aí, “o que é que eles estavam pensando que significava ter família?” - Me questionava.

Dona Cici não casou, não teve filhos e não se arrependeu por isso. Chegou a namorar e até pensou em ficar noiva. Mas avaliou os pretendentes e não conseguia imaginar a vida toda ao lado deles. E disse que fez bem. Quando ela pensava em se casar e ser de alguém, achava pouco, queria algo maior, e se preocupava com as pessoas para além de ter uma casa e um marido.

No entanto, ela amava ver os casais procurarem a igreja, fazer o curso de noivos e saberem o real significado de se casar segundo a religião católica. Apenas entendia que isso não era para ela.

Dona Cici já tinha sua família, que cuidava dela com muito carinho. Além dos irmãos, havia, à sua volta, os sobrinhos e sobrinhas. Um sobrinho morava ao lado, no mesmo quintal. A outra sobrinha passava em frente à sua casa todos os dias e dava um tchauzinho. O Juninho, ela levou até o altar no dia do casamento, porque a sua irmã, mãe dele, estava com um calo no pé. E é assim que ela era, sempre presente na vida deles, como eles eram na sua.

Não faltava atenção, e, por isso, ela explicava que morava sozinha, mas não se sentia só. Primeiro, porque a sua maior companhia era Deus, e, segundo, porque até quando ela queria ter um tempinho quietinha, logo aparecia alguém querendo puxar assunto.

Como eu havia dito, para conversar com a Dona Cici, não precisava ter muita idade, ela tinha ouvidos para todo mundo. Tentava entender essa nova geração que vive na internet e cercada de tecnologia, mas que

não sabe mais sentar na mesa, jantar com a família. Ela me disse que é preciso ter tempo para as crianças, enquanto elas ainda querem nos ouvir, porque, depois que elas ficam mais velhas, é mais difícil, não querem mais aprender em casa e vão procurar aprendizados na rua. E, segundo Dona Cici, a rua não é o melhor lugar, já que, depois, ela encontrava esses mesmos jovens na cadeia.

Ligada às questões sociais e às Campanhas da Fraternidade na igreja, Dona Cici trabalhou em diversas ações voluntárias. Uma delas acontecia na cadeia de Mariana, onde ela percebeu a raiz do problema: a falta da família e de pessoas responsáveis por essa juventude.

Eu via nos olhos da Dona Cici a tristeza de se lembrar desse trabalho. Foram só alguns minutos em que conversamos sobre isso, mas deixaram em mim a vontade de saber mais sobre tudo que ela deve ter visto e ouvido enquanto tentava levar um pouco de

paz e oração aos presos da cidade. No entanto, ela rapidamente mudava de assunto, já que não queria mais falar sobre isso.

Nem as preocupações e nem as tristezas faziam a Dona Cici esmorecer. Ela estava quase sempre de bem com a vida. Não tinha medo da morte, dizia que ia ser feliz com Deus, viver como quis. E ela não quis mais do que uma vida simples.

Entre as suas maiores aventuras, ela não se esquecia de mostrar a sua foto de quando foi a Roma. Pediu para eu tentar reconhecê-la, bem mais nova na foto. Demorei um pouquinho a vê-la entre tantos rostos, mas reconheci o seu. Ela se animava ao falar da viagem feita com a Arquidiocese de Mariana, na qual pôde conhecer o Papa, ficar em um hotel muito chique e ir aos lugares sagrados.

Foram horas e horas de conversa, até esqueci de almoçar. Antes de eu ir embora, Dona Cici me ofereceu queijo de nozinho, biscoito (não bolacha),

café e mais um beijo e um abraço de uma amiga que eu havia feito.

Não nos despedimos, dissemos “até logo”!

Fui à missa no domingo e, alguns meses depois, a visitei novamente. Tinha acontecido tantas coisas boas comigo que agradei as orações dela.

A Dona Juracy de Oliveira, conhecida em toda Mariana como Dona Cici, já não está mais entre nós, nos deixou este ano de 2018, aos 92 anos, após uma gripe que se agravou. Vez e outra continuo indo à missa para agradecer os seus ensinamentos e a sua fé.



Figura 1 - Da esquerda para a direita: Samara Oliveira; Diego Oliveira e Dona Cici.







Para onde?



Campo Grande  
de Vila Rica

Rua A  
Rua P

ão

ro  
ana

hora  
ade

356

Rua G

Liberdade

356

Ribeirão do  
Carmo

Passagem  
Mariana

Rua